

Pequeno romance de

D. AUGUSTA MENDES DOS SANTOS

UM CONTO INÉDITO DE JOSÉ CARDOSO PIRES — ILUSTRADO POR VICTOR PALLA

MAL a viu pôr de lado o prato, a rapariguita correu para a mesa da cozinha.

— Trago as maçãs, minha senhora?

— Hum, rosnou Dona Augusta vasculhando com a língua os restos de comida alojados entre as gengivas e a dentadura postiça.

E ficou nesta algarviada de sons.

Entretanto, a garota levantava já a mesa, tirava o prato estalado e os dois, sempre os dois, carapaus fritos que seriam depois o jantar. Em seguida, quase em bicos de pés para não tropeçar no avental enorme, vltou ao banco e ao prato de sopa que tinha deixado no poial da chaminé.

Mesmo a comer não despegava os olhos da patroa. Via-a por trás, vergada sobre a mesa, envolta na vastidão das banhas que lhe deslizavam do dorso às ancas desconjuntadas. Isto era ela, vista de costas: o cadeirão, o monte de gordura e trapos negros, e as mãos cheias de aneis assentes no tempo da mesa.

— Maçãs, resmungava ela muito baixo. Gulodices, gulodices é do que me sabes falar.

E mais alto, fincando as unhas no oleado da mesa:

— Não ouviste? Vai lá buscar as maçãs.

A rapariga tornou a pousar o prato na chaminé. E foi. Sumiu-se pelo corredor a puxar o avental, num passo muito lento e silencioso. Quando voltou, Dona Augusta apossou-se bruscamente das três maçãs, apalpou-as a tomar-lhes o peso.

— Torna a levá-las, anda. Nem tocadas estão e já querias dar cabo delas. Gulodices, só gulodices é que te lembram.

Lá saiu a pequena para o corredor, desta vez mais devagar ainda, cheirando a casca enrugada dos frutos, com os pés descalços a pisarem constantemente o avental. Diabo, os pés descalços:

— Ulcindita. Essas chinelas, rapariga.

Dona Augusta sacudiu a cabeça repetidas vezes, voltada para as painelas, formas de cozinha e papéis recortados que se estendiam pela parede diante de si, enquanto os lábios esmiuçavam frases secas no meio dos estalidos da dentadura e do revolver da comida nas tripas. Coisas como estas:

— As vezes que tenho dito que não posso ver ninguém descalço. Mas

isso sim. Vá lá uma pessoa fazer por dar educação a uma velhaquilha destas. Velhaca, Deus me perdõe. Velhaca e manhosa. Nunca vi tanta manha num corpo tão pequeno.

E foi contando para si mesma o que o pai da cachopa velhaca e de tanta manha lhe escrevera quando a ajustara por quatrocentos mil réis ao ano, afora o sustento, o fato e, já se deixa ver, a educação.

— Isso, educá-la. Desemburrá-la que é p'ra depois me voltar as costas e ir servir noutra casa. Trastes, todas uns trastes sem respeito por ninguém.

Já sentada no banco, os pés fincados nas sapatilhas, Lucindita engolia a sopa. Dona Augusta falava, falava sempre:

— Depois de velha é só disto que me mandam. Empeçilhos, garotelhas manhosas p'ra me servirem de ralação.

Acenava com a cabeça naquele ar de quem reserva ameaças, e os dedos não paravam de afagar o tempo da mesa.

— E não sou senhora de lhe ralhar. Isso então, Deus livre. Armava logo um berreiro capaz de deitar tudo abaixo. Como isto é que

eu nunca vi. Berrona, porca, mentirosa, tudo. Tudo, louvado seja o Senhor.

No canto oposto da cozinha, a garota apertava no colo o prato da sopa. Nem uma palavra ela arriscava. Olhava de esguelha o cadeirão, toda retida, com os lábios a tremerem num amuo, a tremerem, a tremerem, e os pés a estorcerem-se nas sapatilhas. Mas vingou-se. Vendo-a de costas, tirou-lhe a língua com tal força que por pouco a não trincou.

Nem assim lhe romperam as lágrimas. Chorar, só à noite, na cama, quando se lembrava de Casal Fundeiro e das suas três ermidas, da chiba malhada, dos medronhos e das amoras bravas. Então, sim, gemia até morder os lençóis para não acordar Dona Augusta que ressonava na cama de pau santo ao fundo do quarto. E em certas noites amaldiçoadas vinham também o fantasma do Zé da Barra com todas as almas inocentes dos filhos que enterrara à sombra da figueira seca; e os lobishomens das sete vilas acasteladas. Tudo em silêncio, enquanto a velha roncava alto.

— Senhora, gritava quando já não podia mais.

Um ronco mais forte da patroa, a cama de pau santo num estremeção, e de novo o mesmo silêncio carregado. Só Lucindita ficava atenta na enxerga morna de urina.

Talvez por isso, o bafio daquele quarto interior ia pouco a pouco tornando-se mais forte. Mas não era só ela. No colchão de lã havia também um salitre abafado que repassava das roupas e até dos gestos da velha.

Ali, na cozinha, Dona Augusta naquele mo-

momento a levantar-se, espalhava precisamente esse mofo.

Muito vermelha, firmando-se nos bordos da mesa, acabou por soltar um urro de esforço. E ficou de pé. O tal cheiro, esse veio logq, mas a frase do costume é que não:

— Anda ver-me a cabeça, Ulcinda.

Não veio, portanto. Dona Augusta partiu sôzinha para a sala da frente. Na meia obscuridade da casa, passou por entre móveis cobertos com lençóis, abriu uma fresta das portas interiores e quedou-se à espreita. E que naquele dia tinha visto o diabo.

Sim, senhor, o diabo. Toda a manhã ele lhe rondara a porta, dum lado para o outro da rua sossegada, fitando as vidraças de certo primeiro andar. O andar e as vidraças donde Dona Augusta o espiava.

Seguia-o com os óculos de aro de aço do defunto Santos, muito embaciados mas em todo o caso bons para alcançarem ao longe. Através destes óculos acompanhara ela, pela hora danada do sol a pino, o Diabo, muito elegante, rapaz dos seus vinte e cinco-trinta anos. Isto porque o Porco-Sujo, salvo seja, lhe aparecera sob a forma de Toninho Cliper e as suas tentações.

Alumbrada, Dona Augusta via-o da altura de dois pisos e apertava no seio o escapulário de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Apertava isso e um sobressalto.

— Já sei, murmurou. É a juventude.

— O Ferreira.

Voltou-se e deu com a criadita a segredar-lhe:

— Está lá dentro o Ferreira.

Ferreira, não: Senhor Ferreira. Ferrou-lhe um beliscão por causa disso.

Com um último olhar ao Mafarrico, partiu. Melhor: arrastou a pesada carga dos seios, tripas e joanetes assanhados, com tal pressa que os adornos dos lustres e as paredes altas e antigas se sacudiram à sua passagem.

No quarto, arrancou os papelotes da cabeleira rala, mudou de vestido diante do espelho da cómoda. Contudo não se via a ela. Via as imagens santificadas, o pequeno oratório, o retrato, tudo o que se enfileirava, dois dedos abaixo, sobre o mármore do móvel.

Principalmente olhava o retrato, um cartão desbotado da *Photographia Laherte, Lisboa 1909*, em que o esposo que Deus guardasse aparecia ao volante do automóvel, junto dela. De guarda-pó e boné, ele, Alfredo dos Santos, assentava a bigodeira frisada na cara miúda, duas guias negras que se destacavam num fundo vago de camponeses desconfiados, em suma, gente de Vilares ou das redondezas que nunca vira uma máquina daquelas. Nem combóios, quanto mais...

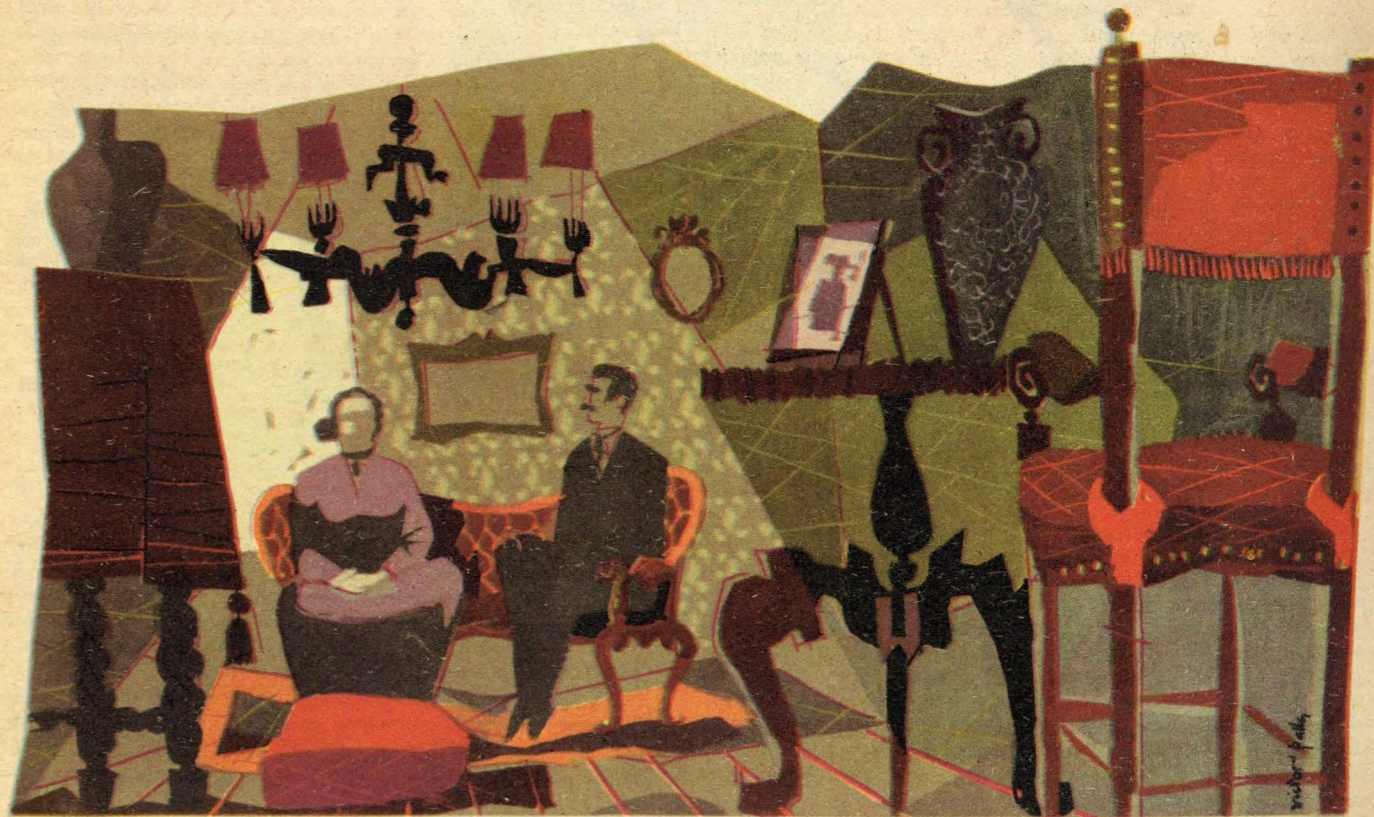
E ela? Dona Augusta enquanto apertava um mar de gorduras num vestido carregado de naftalina, via-se também ali. Estava muito grave nas dezasseis primaveras de esperanças e com a malinha de renda de prata no regaço. Por baixo do radiador, entre as rodas altas, uma galinha rapava o terreiro, indiferente à demora da «pose». Destas coisas dos fotografos daquele tempo que vinham proposadamente de Lisboa para fazer figuras tristes.

Assim mesmo, ela lá estava leal e verdadeira, e o defunto Santos seguro como um conquistador. Também o fora, diga-se de passagem, não só nos camarins do *Dona Amélia* como na própria aldeia de Vilares.

Quando ali chegara com vinte e dois anos de Pernambuco viera a notícia de Lisboa de que procurava morgada e comprara um automóvel. Mas, e que era dele, do caminho pró guiar?

Alfredo dos Santos enfrentara firme a aldeia e perguntara simplesmente:

(Continua na página 42)



Pequeno romance de D. Augusta Mendes dos Santos

(Continuação da página 19)

— Quanto custa uma estrada até Tomar?

Um homem mede-se, como dizia o Avô Capitão, pelo desembaraço com que em dado momento afasta o perigo; não que o perigo se aniquile de vez, mas porque se pode eliminar por momentos, como dizer?, transitòriamente. Exacto: transitòriamente.

Dona Augusta, sem desfrutar o seu homem, medido agora pelas profecias do Avô Capitão, tirou do guarda-jóias um camafeu e um alfinete de três brilhantes. Com três brilhantes apenas enfrentara ela, noutro tempo, as damas do «Príncipe Real», singela e calma como uma *prima donna*. Em seguida mergulhou as placas da dentadura num copo, e já no corredor enfiou-as nos queixos.

Entrou realmente na sala com a excitação e o preparo duma verdadeira *prima donna*. Ferreira não lhe apareceu logo. Estava de pé, a um canto, a dar corda ao relógio dourado, de modo que só o viu quando fechou a porta e se sentou no sofá.

— Desculpe-me, minha senhora, mas custa-me muito ver um objecto destes parado.

— Por amor de Deus. O senhor Ferreira está em sua casa. Como passou?

O cavalheiro Ferreira sentou-se também no sofá. Ficou no entanto muito enterrado, e como era baixo e de ventre redondo, as pernas curtas pairavam-lhe no ar.

— Como as pessoas, principiou. Tal qual as pessoas, as máquinas precisam de movimento. Eu, por exemplo, todas as manhãs faço dois ou três exercícios pelo manual. O suficiente, minha senhora. Dois ou três exercícios para desferrujar o organismo.

Bateu-lhe ao de leve na mão:

— É o que lhe faz falta. Movimento, sair de vez em quando. E, acima de tudo, pôr de parte as arrelias.

— A quem o diz. Mas não vê que não posso? Deixar assim a casa entregue a uma garotilha ainda me faz pior.

Aqui o senhor Ferreira encolheu os ombros, rematando-lhe:

— É levá-la consigo, Dona Augusta. Dão uma volta ao jardim, e pronto.

No sossego daquelas quatro paredes, o eco dum pregão vindo da rua caiu entre ambos como uma pausa. A tarde morrinhenta foi-se assim alongando ao compasso do relógio de redoma, povoando de sombras lentas a sala.

— Não imagina, disse a certa altura Dona Augusta, como eu levo aqui a minha existência.

Ferreira veio logo com repetidos movimentos de cabeça, de pessoa que calcula e compreende perfeitamente:

— Não deve deixar-se abater, minha senhora. Eu também tenho sobrinhos, mas julga que vivo pra eles? Julga que passo privações pra amanhã se banquetearem com os meus sacrifícios?

Vejam lá se alguém tinha falado ali em tal gente, e em especial na alcateia de sobrinhos de Dona Augusta. Espalhados pelas Beiras, disfarçados de funcionários públicos ou de comerciantes em viagem, faziam surtidas bruscas à capital e traziam-lhe mésinhas e cabazes, intrigas e olhos ávidos.

— Esfaimados, senhor Ferreira. Vivem à espera que eu feche os olhos pra me saltarem em cima da mortalha.

— Dona Augusta, esses pensamentos só dão cabo de si.

— Eu sei; isto só me faz mal ao coração. Mas que pode uma pobre viúva nas circunstâncias em que me encontro?

Triste e desamparada, naquelas circunstâncias ela não podia mais do que resignar-se. Foi o que fez. Estorceu o lencinho de rendas num gesto talvez de *prima donna*.

— Ora não pode. A senhora deve é cuidar de si, entende? Cuidar de si e mandar ao diabo os outros.

— Ai, mas faço-o. Plas Cinco Chagas que o faço. Em morrendo já tenho destinado quem me há-de honrar a alma. Ou julga que não sei ser reconhecida?

E ele, como cavalheiro, continuava:

— Distrair-se. Fazer por se tratar. Comer com regra e cuidado. Olhe que a alimentação é importantíssima. Eu, por exemplo, há quanto tempo não como carne?

— Também eu não, senhor Ferreira. Mesmo a minha religião aconselha abstinência.

Quebrada pelos reposteiros, a luz da tarde desfazia-se pelos recantos da sala no meio de sombras suaves. Dona Augusta tinha certamente na figura um pouco desta penumbra de mistério que se espalhava à sua volta, nos móveis e nas paredes forradas a papel. Era um brilho do passado, longínquo e repousante, que vinha de fora, do mundo dos homens, atravessando as grades — perdão: os caixilhos da janela — e ungia o compartimento dum recolhimento de cela de monja.

Neste cenário estava ela e o Ferreira, ambos num sofá de veludo, voltados para as vidraças. E enquanto o cavalheiro falava, ia apertando o lencinho num apagamento cheio de solenidade.

— É uma razão, já se deixa ver. Eu, por mim, não fumo nem como carne porque o organismo não mo pede. Só por isso. Nessas coisas não meto religião.

(Continua na pág. seguinte)

E Dona Augusta (*olhando-o sem deslora*):

— Não diga tal. Repare que a abstinência é recomendada pelos santos escritos.

Ferreira:

— Será. Mas disso, bem sabe, pouco entendo. Há-de haver certamente uma força, um Deus, qualquer coisa que nos domine.

Dona Augusta:

— Um Deus todo poderoso, criador do Céu e da Terra.

Ferreira:

— A primeira semente, chamemos-lhe assim.

Dona Augusta:

— Isso, a primeira semente. Mas ainda há a Corte Celestial, os santos, anjos e arcanjos. Não calcula como me custa ver que duvida destas coisas.

Ferreira:

— São coisas profundas em que tenho pensado muito. Sobretudo desde que me reformei.

Dona Augusta:

— Devemos pensar nelas em vida pra que na morte nos tragam proveito.

Ferreira:

— A morte. Descanse que virá sem a gente pensar nela.

Dona Augusta:

— Por isso mesmo, por isso mesmo.

Ferreira (*com uma gargalhada*):

— Ora, adeus. A senhora, bem conservada como está, a pensar na morte. Então que não direi eu, com sessenta e um completos?

Dona Augusta:

— Mas não padece do coração como eu, senhor Ferreira.

Ferreira:

— O coração... tudo se cura quando há vontade.

Dona Augusta (*sorrindo*):

— Sim, é verdade. Só a morte é que não tem remédio.

Ferreira:

— Pla minha parte a consciência de nada tem que me acusar. Não serei crente mas respeito as ideias dos outros. Quase tanto como respeito a memória de minha esposa, já vê.

Dona Augusta:

— Mas não chega. De que vale morrer em descanso aos olhos do mundo se Deus não nos tiver tocado com a Sua graça? Temos que pensar no dia de amanhã. Não somos crianças nenhuma, temos que nos defender.

Ferreira:

— Nem em rapaz me lembro de ter alguma vez ido contra a moral. Passei dificuldades, privações, Dona Augusta, privações. Não. A mocidade que levei não se pode dizer que me deixasse saudades.

Dona Augusta:

— Sempre deixa. Esse tempo sempre lembra à gente.

E dizendo isto já não via aquele brilho melancólico e repousante das iluminadas das celas. Olhava a paisagem breve que se escoava para lá das vidraças, o céu entristecido e o copado de duas velhas árvores, rente à sacada.

— Quando se é jovem, continuou o senhor Ferreira, pouco se sabe da prática da vida. Comodidades, sossego e tudo o mais são coisas em que não se repara. Não é verdade?

Dona Augusta não respondeu. Olhava a janela e apertava nas mãos o lenço.

— Repare a senhora nesta gente de agora. Sabe divertir-se com comedimento? Tem desejo de fazer vida desafogada, de se ilustrar? Isso, sim.

Dona Augusta não respondeu. *Prima donna* de lencinho de rendas, tinha o olhar perdido num suave cismar.

— Dantes, não. Havia outra moral, outro respeito.

As últimas palavras saíram-lhe alteradas ao levantar-se levemente para abrir o óculo das vistas em cima duma peanha.

— A mim, mulher, esse tempo não me deixou a mais pequenina mancha. Era olhada, é verdade, muito olhada mesmo. Mas sempre com as devidas atenções.

Falou pausadamente, toda ela dirigida, nos olhos e na voz, para a janela. Ferreira espreitava pelo óculo os postais da Torre de Pisa, das grutas de estalactites e da câmara conjugal do Kaiser. «Interessantíssimo», repetia de tempos a tempos. Mas ela não o acompanhava, sentia-o balançar no sofá e agarrava-se ao escapulário que trazia no seio. Não por ele, mas pelo Porco-Sujo que lhe andava a rondar a casa.

— Rapaziadas, rematou Ferreira a dada altura.

Estivera, pois, a dizer qualquer coisa mais sobre os tempos em que nada se sabe da prática da vida e tudo se vê pelo melhor.

— Bem verdade, senhor Ferreira. Bem verdade.

Quando o acompanhou à porta não se demorou no patamar.

Correu à janela. Disfarçada nos reposteiros, pôde ver, louvado seja Deus, a rua e Toninho

Pequeno romance de D. Augusta Mendes dos Santos

(Continuação da página 43)

Cliper, que por lá andava. Depois surgiu-lhe o corpo empertigado e reduzido do Ferreira, a avançar, a avançar pelo passeio e cruzar-se com ele.

— Jesus, suspirou fundo Dona Augusta; e logo mais alto: Ulcinda, Ulcindita!

Fechou as portas interiores à pressa, arrastando pela mão a criada.

— Vem rezar o responso comigo.

Ajoelharam aos pés dum oratório e ela, de mãos postas e sem largar o lençinho, ordenou como o celebrante ao fim da missa:

— Por uma intenção particular.

— Uma intenção particular, repetiu a garota.

Ficaram ali, postadas diante das imagens, assistindo ao desfazer da tarde, desdobrando uma fieira de responsos e olhando as sombras que a lamparina de azeite salpicava a toda a volta:

*— Se milagres desejais
recorrei a Santo António
as bênçãos por que esperais...*